

# Damy detectou talento precoce

**C**esar Lattes considerava Marcello Damy de Souza Santos (1911) o maior físico brasileiro. Um dos pioneiros da física experimental no país e primeiro diretor (1967/1972) do Instituto de Física "Gleb Wataghin". Damy foi o responsável pela vinda de Lattes e de outras dezenas de docentes e pesquisadores para a Unicamp.

Formado em 1936 na primeira turma do curso de Física da USP, Damy tornou-se um dos primeiros assistentes de Gleb Wataghin. Foi o responsável, no início da década de 50, na USP, pela construção do primeiro acelerador a funcionar na América Latina. Mesmo doente e falando com dificuldade, Damy fez questão de dar este depoimento sobre Cesar Lattes, a quem considerava "um gênio dotado de extrema simplicidade e patriotismo".

"Eu conheci Cesar Lattes quando ele prestou o vestibular da USP. Eu e mais alguns colegas pertencíamos à banca examinadora. Naquela oportunidade, nós observamos que alguns candidatos haviam feito uma prova muito boa. Entre esses candidatos estava o Lattes, que chamou nossa atenção.

Seu exame escrito foi muito bom. Como um dos assuntos abordados na prova era justamente sobre campos magnéticos, ele começou a escrever e escrever. Lembrou-me que ele pediu duas ou três folhas adicionais para poder desenvolver suas idéias. Ele acabou revelando um conhecimento maior do que o dos estudantes normais.

Quando a prova terminou, eu tive a oportunidade de conversar com o Lattes. O assunto girou em torno de campos magnéticos. Eu fiz uma pergunta e vi que ele havia compreendido tudo profundamente. Num outro dia, ele foi me procurar para conversar mais sobre o mesmo assunto. Ele era altamente inteligente. Tomava a iniciativa de desenvolver certos capi-



Acervo de Cesar Lattes



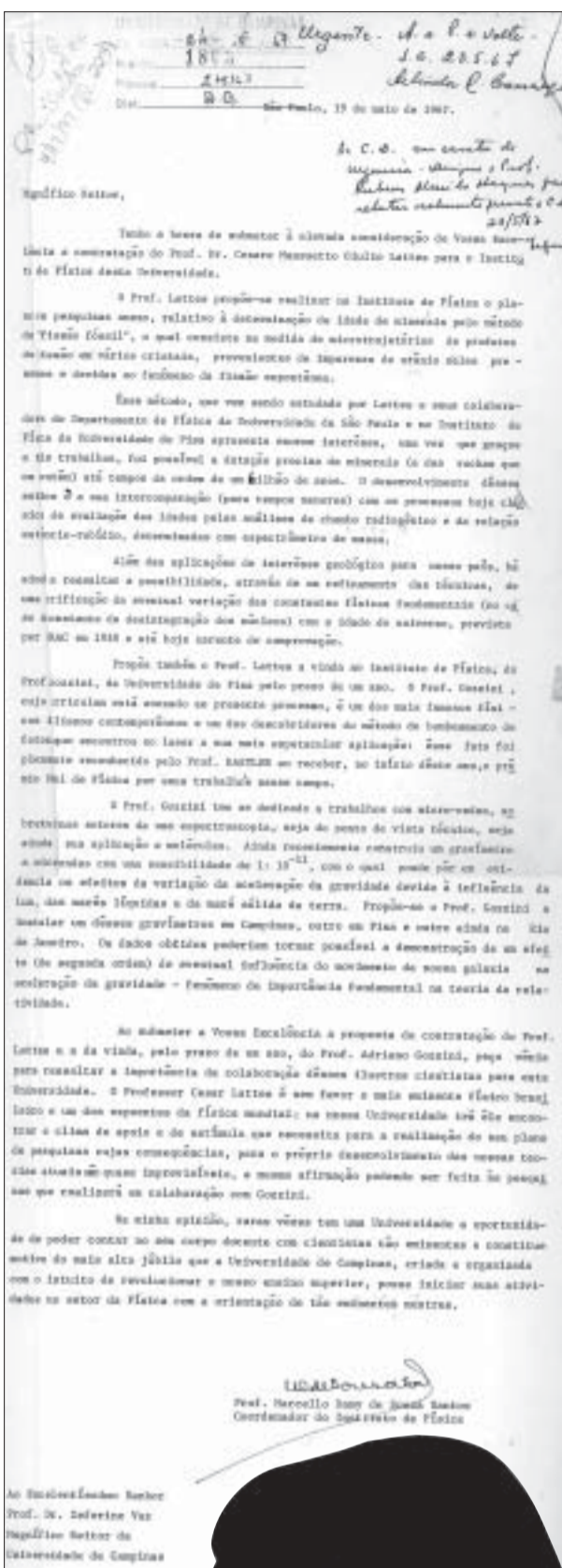
tulos da Física por sua conta. Daí surgiu o interesse de Lattes em ingressar no curso de Física, e o meu por ele, por ser um aluno tão bom. Lattes procurava entender os problemas e, posteriormente, aplicá-los. Isso normalmente requer uma preparação intelectual ao longo do curso, mas ele já apresentava essa característica desde o início.

Eu já percebera que ele tinha potencial para se transformar num físico importante. Depois, Lattes deu seqüência aos estudos no exterior, enviado pelo professor Wataghin, onde teve a oportunidade de trabalhar com físicos muito importantes. Isso contribuiu para desenvolvê-lo ainda mais.

Posteriormente, quando fui convidado para participar da constru-

Marcello Damy, em cerimônia no CBPF, no Rio de Janeiro, em 1998: professor e colega de Lattes

Na carta à direita, Damy sugere a contratação de Lattes para integrar o corpo docente do Instituto de Física da Unicamp



Arquivo Central da Unicamp/ Siarc

Em carta de maio de 1967, Lattes expõe seu plano de pesquisas

ção da Unicamp, eu o levei para Campinas, minha terra natal. Anos de convivência na Unicamp foi muito boa. Na USP, nós tínhamos uma equipe muito boa, além de equipamentos de primeira linha. Entretanto, na Unicamp encontramos o desafio de ajudar a constituir uma grande universidade, num esquema muito moderno para a época.

Na Unicamp e em outras instituições, Lattes fez descobertas que foram fundamentais para a Física. A sua morte constitui uma perda irreparável. Pessoas como ele são raras. Lattes era inteligente, trabalhador e gostava de explorar novas idéias. Em suma, tinha todas as qualidades exigidas para um grande pesquisador. Atualmente, a pesquisa realizada na área de Física na Unicamp é muito boa. Isso também ocorre em outras instituições brasileiras, graças, sobretudo, ao trabalho do professor Wataghin, que foi quem lançou essa semente. No caso específico da Unicamp, essa excelência também contou com a contribuição do professor Cesar Lattes, que eu considero um gênio; um gênio dotado de extrema simplicidade e patriotismo".

## Lattes no interior de um sonho

EUSTÁQUIO GOMES

**R**ecebi a notícia da morte de Cesar Lattes apenas meia hora depois que ela aconteceu. Disseram-me que ele havia tido uma terceira parada cardíaca no pronto-socorro do HC da Unicamp. Estava morto um dos grandes nomes da física brasileira do século 20. Fiquei um instante tentando ouvir meus sentimentos. Não cruzara com Lattes mais que cinco ou seis vezes. E o que ouvi foi isto: "Lourival Fontes... Lourival Fontes". Mas o que é isto, pensei. Que história é essa de Lourival Fontes? Aí me lembrei do episódio inteiro: no dia 18 de março de 1993 (assim narra meu diário), ao receber de minhas mãos o exemplar de uma publicação sobre a universidade, que não sei porquê deu-me na veneta levar para ele, comparei-me a Lourival Fontes, o chefe do antigo Departamento de Informação e Imprensa, o DIP do ditador Vargas. E ao saber que eu era o mesmo escriba que além de folhetos também assinava crônicas num jornal da cidade, amainou: disse que nesse caso eu era "um rapaz de duas facetas", já que as crônicas são em geral cáusticas, e eu, pessoalmente, não.

Foi naquela mesma tarde que ouvi dele a história do leão. Com aquele ar sardônico de quem tanto podia estar blefando quanto falando a verdade, contou como ficou certo dia proprietário de um leão. O dono de

um circo mambembe estava em dificuldades. Lattes, que tinha ido ver um dos espetáculos, ficou com pena e lhe emprestou dinheiro. Semanas depois o dono do circo apareceu com o leão encarcerado numa jaula:

— Pagar não posso. Fica com o leão.

Ele ficou e instalou o bicho na chácara, com jaula e tudo. Tratava-o à base de galinhas ainda quentes às quais mandava deparar o pescoço. Tarde suspeitou que o caseiro, em vez de alimentar o leão, reforçava a própria despensa com as galinhas. O leão acabou morrendo de pneumonia.

Lattes recebera a mim e ao fotógrafo na sacada de sua casa nas imediações do campus, onde reinava uma atmosfera quase rural. As mãos lhe tremiam. Tinha então 67 anos, mas aparentava mais. Folheava um livro de Fernando Azevedo: queria me mostrar uma passagem e não a encontrava; por fim desistiu e fechou o livro. Em seguida falou de Elias Canetti, a quem admirava, e de João Ubaldo Ribeiro, que considerava superior a García Márquez. Falou também do dia em que chegou a Londres com meia coroa no bolso do casaco. Fazia muito frio e refugiou-se numa igreja pretendendo passar ali a noite. Tinha só 21 anos e estava a caminho da Universidade de Bristol, onde haviam reservado para ele um lugar de pesquisador assistente. Um desconhecido simpatizou com ele e levou-o para dormir na cama de sua namorada, que por sua

vez foi acomodar-se na cama do parceiro, "com dupla vantagem para todos", conforme a avaliação de Lattes quase meio século depois.

Por essas e outras lembrei-me do dia, cerca de 1983, em que apareceu na universidade um fotógrafo da extinta *Manchete*. Quería retratar Lattes à la Einstein.

— Quer uma foto cândida ou preparada? — perguntou Lattes.

— Se possível alegre.

— Quer que eu sorria?

— Seria ótimo — respondeu o fotógrafo.

Para espanto nosso Lattes sacou da boca a dentadura e estendeu-a em direção ao fotógrafo, como um grande sorriso voador. Atônito, o fotógrafo limitou-se a sorrir aparvalhado. E assim perdeu-se uma foto que poderia ter se tornado célebre.

Daí que Lattes vinha sendo abordado com freqüência para escrever prefácios e frases de apresentação para livros. Um desses livros versava sobre a possibilidade de alguém voltar no tempo utilizando o princípio de H. G. Wells em *Amáquina do tempo*. Como Lattes vinha postergando a entrega do texto (tratava-se de uma frase para a quarta capa), recebeu um ultimato da funcionária da editora:

— Ou o senhor nos entrega a frase até amanhã ou perde a oportunidade de aparecer no livro.

A moça, claro, não tinha a mínima idéia de quem fosse Lattes. Não lera, naturalmente, a obra em três volu-



Perfil de artista anônimo que Lattes guardava em seus pertences

mes de Isaac Asimov intitulada *Gênios da humanidade*, em que só comparecem seis brasileiros: Santos Dumont, Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Manuel Dias Abreu (o pai da abreviatura), Mário Schemberg e Cesar Lattes. Como podia saber que em 1949, quando Lattes tinha apenas 24 anos, produzira artificialmente o méson pi a partir da aceleração de partículas alfa? E que duas décadas mais tarde determinara a massa das chamadas "bolas de fogo"? No dia seguinte ela voltou a chamar:

— O senhor não vai levar dez anos para nos entregar uma simples frase, vai?

E Lattes, que gostava de pilheri-

ar com moças incautas ou mesmo cautas:

— Se eu demorar dez dias ou dez anos vai dar no mesmo, minha filha.

— Como assim? Daqui a dez anos o livro vai estar na décima edição.

E Lattes:

— Pode ser, minha nega, mas até lá o nosso autor já terá construído a sua máquina do tempo. Nesse caso basta que ele viaje dez anos para trás para apanhar a frase. Assim vocês vão poder aproveitá-la ainda para a primeira edição.

Ignoro se ele mandou a frase ou não. Lattes seria um cético, um cartesiano? Jamais toquei em tal assunto com ele. É curioso que em 8 de setembro de 2004 eu tenha sonhado com a morte de Lattes, exatamente seis meses antes de sua morte de fato, no último dia 8. Nada a estranhar: a idéia de seu desaparecimento já vinha entrando nas preocupações de muitos. Entretanto aquele sonho empenhou-se em produzir o contrário do racionalista. Eis o meu registro daquele dia:

"Sonho. O físico Cesar Lattes acaba de morrer. Estou diante dele numa sala onde há outras pessoas. Lattes parece radiante com sua nova situação: está morto e contudo continua vivo. A rigor livrou-se do problema da morte sem sofrer nenhuma perda, pelo contrário. Pergunto-lhe se finalmente desvendou o mistério da morte, isto é, da vida pós-morte. Responde que sim, e que na verdade não se morre."